

As literaturas menores que compõem os EUA

Pesquisadora revela mosaico de escritas que caracterizam hoje o cenário de diversidade da cultura americana

Nossos em USA — Literatura, etnografia e geografias de resistência, de Sonia Torres. Jorge Zahar Editor. 192 páginas. R\$ 24

Rachel Bertol

N um conto dos anos 80, o escritor porto-riquenho Luis Rafael Sánchez conta a história de um voo entre San Juan e Nova York no qual os passageiros enfrentam momentos de forte tensão, temendo um seqüestro que parecia iminente. Após momentos de nervosismo e críspação, descobrem, no entanto, que a causa do sobresalto era um inocente casal de caranguejos que viajava clandestinamente. Aliados, os passageiros soltam sonorosas gargalhadas e travam efusivas conversações, num clima de amizade que a tripulação gringa não entende, achando toda aquela manifestação inesperada inconveniente demais.

“La guagua aérea”, o conto de Sánchez, é um de muitos textos analisados por Sonia Torres, professora de literatura comparada da UFF, em “Nossos em USA”. Sánchez retrata o vai-e-vem característico da importante comunidade porto-riquenha de Nova York, numa constante troca cultural, que produziu, entre outros, os *novorricans*, nome criado inicialmente para os poetas dos anos 60 e 70 que viviam em NY e mantinham laços com sua terra de origem.

A pesquisadora escolheu a literatura de três grupos ditos hispânicos para construir o livro: os porto-riquenhos de Nova York, os chicanos da fronteira com o México e os cubanos da Flórida. Poderia ter escolhido muitos outros — a literatura chinesa produzida nos EUA, afirma ela, é por exemplo um terreno riquíssimo — mas Sonia acredita que esses três grupos são ótimos casos para mostrar a divergência de vezes que se digla-



PINTURA DE RUA: A fotografia de Sonia Torres mostra um painel ornamentado por chicanos em San Diego

diam no território americano por reconhecimento. É nos EUA e a partir de lá, concorda ela, que se travam hoje batalhas culturais das mais importantes em nosso tempo.

Depois dos atentados de 11 de setembro, cresceu o clamor nacionalista no país, na esfera política e mesmo entre intelectuais. Um movimento que tende a abolir as diferenças internas — entre brancos ou negros ou entre brancos e hispânicos, e muitas outras — por causa do inimigo maior. Esse discurso uniforme corre o risco, sob a perspectiva de “Nossos em USA”, de se tornar oco, atravessado pelo sinal da decadência. Por mais que os americanos insistam na assepsia, os caranguejos de “La guagua aérea” existem, passeiam tranquilos no corredor do avião, com potencial para provocar a explosão geral da gargalhada.

— A idéia de nação continua importante, mas não se trata mais do Estado-nação. O mapa de um país pode conter diferentes nações. Os americanos agora querem mostrar que são unos, coesos, mas a partir da língua inglesa. Estão encun-

dados, com um discurso fundamentalista que não corresponde à realidade do país. Os EUA são um mapa coeso que contém muitas periferias, na verdade mais periferias do que centro — diz Sonia, cuja língua emigrou para a Califórnia quando ela ainda era bebê e de onde ela só voltou aos 13 anos. Brownies e o porto-inglês, a língua que mistura português com inglês, em processo igual ao do *spanglish*, fazem parte de seu universo desde a infância.

A política e a luta pelo acesso à palavra

Sonia defendeu o livro que agora lança como tese de doutoramento em 1998. O tipo de trabalho que realizou ainda causava estranheza na universidade três anos atrás, pois em nenhum momento teve considerações sobre qualidade literária. Isso apesar de muitos autores que escolhidos serem premiados, como o chileno Rolando Hinojosa, ganhador do Casa de las Américas, ou a também chicana Ana Castillo, ganhadora do American Book Award. Sonia escreveu um livro interdisciplinar,

voltado para o olhar etnográfico dos escritores — ela fez etnografia a partir da etnografia — de tal forma que seus passos poderiam ter sido seguidos por um antropólogo.

— O que me interessa sobretudo é a política, a forma como grupos subalternos conquistam o acesso à palavra — diz a pesquisadora.

Seu trabalho, portanto, volta-se para as literaturas menores. Menor não em sentido de ruim, mas no sentido apontado por Deleuze e Guattari no seu estudo do assunto a partir da obra do judeu Kafka, que transfigurou o alemão na Praga do início do século XX. Menor, pois trase de literatura escrita por grupos minoritários ou não hegemônicos, que usam a palavra como instrumento de inserção ou crítica. Pensando no Brasil, Sonia acredita que as literaturas menores vêm das periferias urbanas, de vezes que superam problemas sociais e econômicos para se impor.

— A maior parte da literatura escrita hoje nos EUA pode ser considerada literatura menor — observa Sonia, que aponta uma das epígrafes de seu livro, uma citação de Homi



Reproduções

SONIA TORRES:

Pesquisa sobre chicanos, porto-riquenhos e cubanos

Bhabha: “Talvez possamos sugerir agora que as histórias transnacionais de migrantes, dos colonizados, ou dos refugiados políticos — essas condições de bordas e fronteiras — sejam os terrenos da literatura mundial”.

Sonia conta ter escolhido os hispânicos porque sua história está imbricada com a dos EUA. Além disso, a questão da língua entre eles é muito forte, tanto que nas próximas décadas o espanhol deverá ser a língua mais falada no país. Eles também resistem a abandonar sua cultura. Ora escrevem em inglês, ora em espanhol e é comum não se sentirem mais em casa na sua terra de origem, onde são vistos como americanizados, embora continuem a ser discriminados nos EUA.

A escrita permite a demarcação de territórios

São figuras que vivem numa sociedade multicultural, que fabricam mestiçagens em suas escritas, personagens híbridos do vai-e-vem. Nos personagens que Sonia Torres estudou, a política não surge por escolha, mas por ser fator in-

transponível em suas vidas. A literatura, por isso, permite demarcar territórios, criar geografias de resistência.

— Os personagens que analiso identificam-se culturalmente com seu país de origem, mas o olhar que lançam sobre sua vida nos EUA é político — diz Sonia.

O termo em geral pejorativo “chicano” é usado sem medo por Sonia. Isso porque os chicanos com consciência política têm orgulho da palavra. Ao analisar a produção literária deles, o que vem à tona são os movimentos em torno da fronteira que pode ser facilmente atravessada. A obra de Hinojosa, por exemplo, “nasce da interseção de dois mundos”, expressa em diferentes registros: história, crônica, metalinguagem, tradição oral, colagem e etnografia.

Integração dos cubanos nos EUA está no início

Sonia acredita, porém, que muito interessante é a literatura produzida pelos cubanos. Um movimento migratório que começou há mais de um século e teve diferentes fases e características. A mais importante marcada pela cultura anti-Fidel, com uma escrita voltada ao país de origem, sem muitos conflitos com o universo anglo. Os cubanos que foram para os EUA antes da Revolução de 1959, talvez por terem origem abastada na maioria, não enfrentaram os problemas de discriminação de chicanos ou porto-riquenhos. Nos últimos anos, no entanto, começou um novo processo de integração dos cubanos no cenário multicultural americano.

No momento, Sonia planeja pesquisar as representações do terrorismo na literatura. Mas a idéia não nasceu com os atentados de 11 de setembro. O projeto foi apresentado no primeiro semestre deste ano ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e ainda espera aprovação. ■

O feliz encontro entre as letras e o teatro infanto-juvenis

Tim Rescala e Karen Acioly transformam espetáculos em livros, levando sucessos do palco para a literatura

Papagueno, de Tim Rescala. Editora Didática e Científica, 96 páginas. R\$ 14

Iluminando a História, de Karen Acioly. Salamandra, 64 páginas. R\$ 18,50

Laura Sandroni

Peças de teatro para o público infantil publicadas em livro constituem novidade na área editorial, embora há pelo menos três décadas bons espetáculos demonstrem a existência de excelente dramaturgia para crianças no Rio de Janeiro. Maria Clara Machado, a maior autora do gênero, recentemente falecida, era atê aqui notável exceção, em toda a sua obra publicada pela Agir.

Organizada em 1999 pelo diretor teatral e autor Carlos Augusto Nazareth, a coleção Vertente Teatral já publicou alguns dos melhores textos da dramaturgia nacional para crianças. A coleção se caracteriza pelo cuidado editorial e boa apresentação gráfica. Além do texto das peças, cada volume inclui as partituras das músicas que as integram, artigos que comentam o espetáculo, informações sobre autor e a ficha técnica de uma primeira montagem. Há ainda um glossário explicativo de termos técnicos como “rotunda” ou “túnculo”, a descrição da função de cada membro das equipes técnica e de criação, e bibliografia. Nessa coleção se encontra



Marcos Antonio Cavalcanti/13-11-97

KAREN ACIOLY: peça sobre a eletricidade no Brasil em bela edição

“Histórias de lençóis e ventos”, peça de Ilo Krugli, montada no Rio de Janeiro em 1974, com músicas de Caique Botkyak e Beto Coimbra, um marco na renovação do teatro infantil brasileiro. Este volume recebeu o prêmio Lúcia Benedetti da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) para o melhor texto teatral publicado em livro.

E agora a mesma coleção apresenta “Papagueno”, do músico, compositor e ator Tim Res-

cala. Pelo título sentense a ligação do autor com a música erudita: o personagem do título é um papagaio que cantalaria um trecho do seu homônimo de “A flauta mágica”, de Mozart. A peça fala da sensação de perda da protagonista, cujos pais se separaram, e suas tentativas para reaproximá-los. Os sentimentos de cada personagem são expressos em texto ágil, no qual o humor está sempre presente, e por canções cheias de poesia. Algumas peças são adapta-

ções de histórias para crianças de autores brasileiros contemporâneos ou de clássicos da literatura infantil. Temos agora exemplo do caminho inverso: um texto teatral transformado em narrativa. Trata-se de “Iluminando a História” da autora e diretora Karen Acioly, cujas obras vêm sendo apresentadas no Centro Cultural Light com ótima receptividade de público e crítica.

Texto que flui em quadrimãs rimadas

Destava vez ela aborda a modernização da cidade do Rio de Janeiro no começo do século, a partir da chegada da eletricidade. Era o fim da época dos saurais à luz de velas e das ruas iluminadas pelos lâmpões a gás, a presença dos bondes elétricos, por muitos anos o principal meio de transporte da população. O texto flui em quadrimãs rimadas, recitadas por personagens divertidos que nos lembram um tempo em que a cidade era mais humana.

Impresso em papel de boa qualidade, o volume — que está sendo lançado no 3º Salão do Livro para Crianças e Jovens, no MAM — apresenta excelentes ilustrações em cores de Humberto Guimarães, pequenas, mas plenas de detalhes, como é de seu estilo. Há ainda fotos de cenas da peça que se misturam aos desenhos numa diagramação equilibrada. Acompanha o livro um CD com a gravação da peça. ■

O Salão no MAM

HOJE/ESPAÇO DE LEITURA

• **AUTÓGRAFOS:** Às 13h, “A criação e a ação humana”, de Vilmar Bema (Paulus). Às 15h, “Meninos no Mangue”, de Roger Mello (Cla. das Letrinhas). Às 16h, “Mania de explicação”, de Adriana Falcão (Salamandra). Às 14h, “Na trilha do mamute”, de Rogério Andrade Barbosa (Saravá).

HOJE/BIBLIOTECA

• **ATIVIDADES:** Às 10h, Eva Furnari apresenta os livros animados “Os problemas da família gorgonzola”, “Catarina e Josefina”, “Caça Fumaça” e “Umbigo indiscretor” (Global e Martins Fonta). Às 11h, Eva Furnari com outros livros animados. Às 12h, Eliardo e Mary França, também com livros animados. Às 14h, Adriana Falcão fala sobre seu livro “Mania de explicação”. Às 15h, Marcelo Xavier fala sobre seus livros “Cronicas e superstições”, da Coleção O Folclore de Mestre André e “Gravata sim, estrela não”, e as “Asa de papel” (Formato). Às 16h, é a vez de Roger Mello apresentar seus livros animados e às 17h, Claudius.

AMANHÃ/ESP. DE LEITURA

• **AUTÓGRAFOS:** Às 10h, “Gravata sim, estrela não”, de Luciana Savaget (DCL). Às 11h, “A fada afilhada”, de Márcio Vassallo (Salamandra). Às 14h, “Na trilha do mamute”, de Rogério Andrade Barbosa (Saravá).

AMANHÃ/BIBLIOTECA

• **ATIVIDADES:** Às 10h Márcio Vassallo apresenta o seu livro “A fada afilhada”. Às 11h, é a vez da ilustradora Cica Pittipaldi, com o livro “A rosa”. Às 14h, Marcelo Ribeiro e seu livro animado “Fábula foi ao vento”, às 15h, Luciana Savaget, com “Gravata sim, estrela não”, e as 16h, Ana Raquel, com os “Poeminhas pescados numa fala de João”. Leitura de versos por Cassia Kiss.

Anúncio nos Classificados pela Internet. Você tem as 24 horas do dia para colocar a sua anúncio. www.classificados.oglobo.com.br Últimos encontros

Livraria Caetés Shopping 45 11 108 • Livros Universitários • Últimos lançamentos • Assinaturas encadernadas Tel.: 2567-0751

O PRIMEIRO ROMANCE HUMORÍSTICO BRASILEIRO **A IGREJA AGNOSTICA - O Livro...** A RELIGIÃO QUE NÃO FAZ GUERRA • Distribuição: Mauad (21) 2533-7422

